

## JOÃO DO RIO: UM PACTO COM A SERPENTE

*Edmundo Bouças*

Está aos cuidados do Real Gabinete Português de Leitura a biblioteca particular daquele que é apontado como um dos escritores mais representativos da *belle époque* carioca: João do Rio.

Recorrendo a um certo *dandysme maudit*, a prosa de ficção marcadora de seus contos evidencia um investimento de escrita que opera a transferência de motivos da literatura *fin-de-siècle*, especialmente do decadentismo agenciado por Huysmans, O. Wilde e Lorrain. Podemos considerar que, em *Dentro da noite*<sup>1</sup> (1911) e em *A mulher e os espelhos*<sup>2</sup> (1919), o reaquecimento da matriz decadentista atualiza as pistas de um caráter desafiador, mobilizando um coro de escritas capaz de enfrentar – como aponta Raúl Antelo<sup>3</sup> – “o discurso biopolítico e suas técnicas dissuasivas de conduta”, uma vez que sugere a retirada do corpo do monopólio oficial, para ensaiar com ele uma prática contra-discursiva, em aberta oposição às estratégias triunfantes dos enquadramentos disciplinares a serviço da Primeira República.

Os contos de João do Rio – como de modo geral toda a sua obra – travam um cruzamento essencial com o tema da cidade. Nesse sentido, o contista expandiria para o interior da personagem ficcional a vertigem sofrida pelo Rio de Janeiro face à cirurgia levada a termo por Pereira Passos, ao instituir a cidade como miragem tropical<sup>4</sup> da Paris reformada por Haussmann. A euforia do cosmopolitismo – perseguindo a vitória da metrópole moderna sobre a cidade colonial – estimulou o compromisso de regeneração do espaço urbano, a fim de ostentar a cidade-vitrine como montra faiscante, que refletisse “a nação de maneira a fazê-la aceitável perante a Europa, e ao mundo civilizado”<sup>5</sup>.

Na assepsia da cabeça urbana do país<sup>6</sup>, o projeto ideológico da reforma

estreitou as relações entre a autoridade médica e a autoridade política, definindo as bases do modelo contratual assinado entre o reformador e o sanitalista. Nesse curso, o regime de saneamento material da cidade ditou o regime de saneamento moral da população. Como destaca M. Rago<sup>7</sup>, a tarefa de desodorizar a cidade passou pela higienização dos papéis sociais. Evacuar lixo, negros e pobres; interditar cortiços; enclausurar desviantes; disciplinar o bordel. Dessa forma, caberia à medicina higiênica fortalecer a imposição de sua ortopedia moral<sup>8</sup>, procurando imobilizar tudo que pudesse representar libertinagem, orgia, desordem e anarquia<sup>9</sup>.

Num estudo sobre as solicitações da norma familiar produzida pela ordem médica, Jurandir Freire Costa<sup>10</sup> mostra que o amor higiênico – reclamando seus vínculos com a sexualidade e a procriação – moldou nas funções do pai e da mãe o manequim higiênico do homem e da mulher. Sob a chave ordenadora da conduta conjugal, formulada pelo paradigma da família higiênica, decretava-se o repúdio a qualquer relação contrária à natureza e à reprodução da espécie.

Indiscutivelmente, por seu conjunto antinaturalista, o inventário textual do Decadentismo infringe o receituário da polícia médica. O culto intelectualizado do artifício desafia o zelo das noções de saúde e normalidade. Hiperestésias, sensações extravagantes, nevroses, preterem a observância dos critérios higiênicos. Como acentua Michel Lemaire:

*Le décadent, de même qu'il préfère la névrose à la santé, la nuit au jour, l'artifice au naturel, pousse, en fin de compte, la perversité jusqu'à préférer la mort à la vie*<sup>11</sup>.

Especular a moral dissoluta do erotismo mórbido, dos vícios bizarros, dos espasmos de sexualidade insubmissa que transbordam de Huysmans, Wilde e Lorrain – João do Rio preenche o lugar narrativo de seus contos com a confiança de libertinos e celibatários, estimulando contra a política familiar do Estado<sup>12</sup> o cortejo do prazer gratuito, de condutas improdutivas, espreguiçando em alcovas movediças um roteiro de práticas desertoras da obrigação de resposta ao princípio da procriação.

Afrontando os manequins higiênicos, os contos de João do Rio dão lugar a “manequins trágicos que acendem o desejo na forma da noite” (MR 25). Com “o temperamento à solta” (DN 261), relações ilícitas transmigram “desvios intoleráveis”:

Todas as degenerações escondidas, as loucuras mascaradas, inversões e vícios, taras e podridões desafivelam-se, escancaram, rebolam, sobem na maré desse oceano. (DN 250)

Na rasura da ordem médica, “habitantes do submundo da saúde e do convívio social<sup>13</sup>” “acendem o brazeiro, o incêndio, o vulcão das paixões

perversas”, (DN 259), despertam o “polvo da luxúria, que lá dentro distende os tentáculos”. (DN 267)

Tudo na vida é luxúria. Sentir é gozar, gozar é sentir até ao espasmo. Nós todos vivemos na alucinação de gozar, de fundir desejos, na raiva de possuir. (DN 259)

Para Raúl Antelo<sup>14</sup>, a obra de João do Rio – em poderosa denegação da moral vigente – não fala do namoro, fala do *flirt* – cínico, canalha, amoral, o que reenvia um texto excitado “pela frescura das peles, pelos trechos de carne ocultos”. (DN 262)

A “vontade de acanalhamento” (DN 262) gravita em manobras da caçada erótica: “nada do contato familiar, mas o deboche anônimo” (DN 159).

Quem será? Uma senhora da sociedade? Uma perdida? Sei lá. Uma louca, uma desvairada, uma desgraçada, de que ninguém sabe o nome, de que ninguém talvez possa reconhecer o semblante, na rua, quando passa...” (DN 267)

Num dos contos de *A mulher e os espelhos* – nota Gentil de Faria<sup>15</sup> – João do Rio promove o encontro dos dois principais *dandies* que flexionam sua obra: Godofredo de Alencar e Barão de Belfort. Personagens mediadores – sugere Flora Sussekind<sup>16</sup> – que assumem a função de um “narrador-segundo”, em cujo *tônus* existe “quelque chose d’antinairel, d’androgyné, par où il peut séduire infiniment<sup>17</sup>”.

Do aposento liminar do *dandy* decadentista o Barão Belfort – “tipo muito curioso que posa para alarmar toda essa gente” – conduz a narrativa de vários desses contos, aafiando o traço desmoralizante com que “sua voz de navalha recortava na pele dos presentes caricaturas perversas” (DN 63). Tecendo paradoxos, destilando frases de sentido perigoso, dizendo “as coisas mais horrendas com uma perfeita distinção” (DN 62), o Barão afiança a fala do “renitente celibatário” (MEI 34), numa recusa cínica ao “atroz matrimônio em toda a sua aflitiva vulgaridade” (ME 154), ao “exemplar dessa lamentável espécie social a que denominam marido” (ME 33).

Segundo R. Magalhães Júnior<sup>18</sup>, *Dentro da Noite* assemelha-se a um catálogo de tipos e situações saídos das páginas de Krafft-Ébing, particularmente de *Psicologia sexual*, publicado em 1886. Tais sentimentos anormais e obsessões, desdobrados igualmente em *A mulher e os espelhos* (como faz ver Helena Parente Cunha)<sup>19</sup>, protagonizam, à maneira decadentista, “bizantinices cerebrinas<sup>20</sup>, escoando a “mania de análise das próprias sensações”. (DN 150) Nessas obras percebe M. Guedes Veneu<sup>21</sup> – o léxico de referência ao espaço interior da subjetividade remete à configuração do nervoso. “Crispação de nervos” (DN 32), “ar desvairado” (DN 1) “nervos esgarçados” (DN 33). “pilha de nervos” (DN 72) – atçando sintagmas como “calor no rosto (ME 140), suores

na frente (*ME* 124), têmporas a suar frio” (*DN* 262) – transpiram personagens na “confissão de seus apetites” (*DN* 143), ao mesmo tempo que estiolam a empresa dos dispositivos moralizadores, acionados pela nomenclatura dos médicos-higienistas em sua tipificação da sanidade.

Avaliando a representação a morosa construída pela literatura do Pré-Modernismo, Lúcia Castello Branco lembra-nos que as cenas de erotismo mórbido – “um dos *leitmotive* da literatura decadente” – atinge o seu auge na produção de João do Rio.

Como um legítimo decadente, João do Rio viria a veicular um discurso que traria em sua origem a violência, a agressividade e o sentido de ruptura, presentes no erotismo, funcionando agora como denúncia de uma sociedade falsamente puritana e como escoamento de uma sexualidade severamente reprimida<sup>22</sup>

Em alguns contos, estufas clandestinas – estimuladas por “champagne, ether ou morfina” (*DN* 35) – sussurram amores contra a natureza. Conspiram contra o “aparato normativo que pretendia regular e higienizar a sexualidade, circunscrevendo-a ao território exclusivo do quarto dos pais<sup>23</sup>”. Noutros, uma erotografia ousada redige a cidade em dias de suspensão da ordem. A aglomeração do Carnaval sacode “as urtigas do desejo” (*DN* 65); nas peregrinações pelas igrejas, a Semana Santa arde “qualquer coisa de orgiaco” (*DN* 258) que sentença: “Um deus morto é como um sinal de porneia” (*DN* 259).

Prezando o tema do “eterno feminino”, a sedimentação narrativa desses livros dissemina a dança de Salomé pelos salões da “season cosmopolita” montada na capital brasileira do início do século. “Eva multiplicada” (*ME* 55) serpenteia o halo de sua ação destruidora na mesma displicência com que espalha em “alcouces de luxo” “boas de plumas, charpas de gaze, sedas de mantos, perfumes” (*ME* 29). Contudo, ainda que sob a estesia desse “labirinto que galvaniza os sentidos” (*DN* 159), o texto denuncia as condições que entrelaçam a miséria e o bordel “contrapartida do universo asséptico das relações conjugais e familiares”,<sup>24</sup> ao enredar os passos das jovens mulheres pobres “consideradas pelos ricos como bem comum a todos”,<sup>25</sup> com o giro das “fufias dos pedaços mais esconsos da Rua de S. Jorge” (*DN* 157), com o circuito das que mercadejam “a carcaça fatigada” (*ME* 28) junto aos “destroços da antiga Ucharia” (*ME* 25).

Assim, desacatando a voz autorizada, os narradores visitam redutos periféricos que – sob a luz mortífera de lamparinas de azeite – ampliam a correspondência entre o entulho humano e o escombro da cidade velha. Destroços indesejáveis, escarnando o subterrâneo da euforia republicana como decomposição que a sociedade medicalizada não pode desodorizar.

Pela mirada decadentista, contrariando o Pai-Higiênico, os contos de João do Rio reivindicam filiação a Baudelaire. Assumem um pacto com a serpente<sup>26</sup>: flores do mal nos jardins da Regeneração<sup>27</sup>.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- RIO, João. *Dentro da noite*. Instituto Estadual do Livro, Rio de Janeiro, 1978. (Referências sob a sigla *DN*)
- 2- \_\_\_\_\_. *A mulher e os espelhos*. Secretaria Municipal da Cultura, Turismo e Esporte, Rio de Janeiro, 1990. (Referências sob a sigla *ME*)
- 3- ANTELO, Raúl. *João do Rio. O dândi e a especulação*. Rio de Janeiro, Taurus/Tímber, 1989, p.66,85
- 4- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.95
- 5- \_\_\_\_\_. Aspectos históricos do Pré-Modernismo brasileiro. In: SOBRE O PRÉ-MODERNISMO, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, p.16
- 6- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Rio de Janeiro, 1990, p.196
- 7- RAGO, Margareth. De Eva a Santa, a dessexualização da mulher no Brasil. In: RECORDAR FOUCAULT. Os Textos do Colóquio Foucault, São Paulo, Brasiliense, 1985, p.228
- 8- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 3.ed. p.150
- 9- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p.194
- 10- COSTA, Jurandir Freire. *Op.cit.* p.226,240
- 11 - LEMAIRE, Michel. *Le dandysme de Baudelaire à Mallarmé*. Paris, Klincksieck, 1978, p.174
- 12 - COSTA, Jurandir Freire, *Op.cit.* p.233
- 13- \_\_\_\_\_. *Op.cit.* p.240
- 14- ANTELO, Raúl. *Op.cit.* p.80,79
- 15- FARIA, Gentil Luiz de. *A presença de Oscar Wilde na Belle Époque literária brasileira*. São Paulo, Pennartz, 1988, p.188
- 16- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p.93
- 17- CARASSUS, E. *Le mythe du dandy*. Paris, Armand Colin, 1971, p.254
- 18- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p. 139
- 19- CUNHA, Helena Parente. O espaço da rua e da noite. In: *Os melhores contos*. JOÃO DO RIO. São Paulo, Global, 1990, p.8
- 20- HUYSMANS, J-K. *As avessas*. Trad. José Paulo Paes, São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p.210
- 21- VENEU, Marcos Guedes. *O flâneur e a vertigem. Metrópole e subjetividade na obra de João do Rio*. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – IUPERJ, nº 59, dez. 1987, ed. mimeo. p.11
- 22- CASTELLO BRANCO, Lúcia. Amores pré-modernos. In: SOBRE O PRÉ-MODERNISMO. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1988, p. 122
- 23- \_\_\_\_\_. *Idem* p.155
- 24- RAGO, Margareth. O poder da prostituta na história e na literatura. In: MULHER E LITERATURA, IV Seminário Nacional, ABRALIC. Niterói, 1992, p.84
- 25- MACHADO, Roberto. et al. *DANAÇÃO DA NORMA: Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1978, p.338
- 26- PRAZ, Mario. *Il patto col serpente*. Paralipomeni di “La carne, la morte e il diavolo nella letteratura romantica”. Mondadori, 1972.
- 27- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 3.ed. 1989, p.95,187